

A sapiência das cartas

Lucas Caroso Marques

Millen Carvalho Cerqueira da Silva

Minha casa, 27 de abril de 2020

Pessoa,

Aqui vejo as paredes brancas da minha casa engolirem meus sonhos. Tenho dormido mal, mas isso não me assusta, afinal, a morte tem tentado meu corpo, mas eu não durmo. Tenho me encontrado com meus medos, vejo de perto números de mortos perturbarem meus pesadelos, não sabia que números eram passíveis em aparecer nos sonhos. Tenho acordado com a sensação de não ter dormido, tenho perdido a fome das cinco da tarde em diante. Tenho me preocupado com meu trabalho, percebo que escutar as pessoas pelo fone de ouvido tem desgastado meus olhos.

A tela do celular mudou de tamanho, cabem os ombros e o rosto das pessoas que entram em contato comigo na eminente vontade de me ver e sustentam ali o seu olhar para mim, não me perdem de vista a não ser que a internet “caia”. O sufoco das madrugadas tem constringindo meus sonhos, que apesar de como já disse, receber diversos números, está sufocado. Não sua estrutura, mas sua libido, seu sangue; tenho tido grandes pesadelos. A saudade não tem me angustiado, a aproximação tem me assustado.

Fico muito tempo perto de tudo, que cada pessoa que conheço é para mim, basta que eu pense nelas, afinal, elas são aquilo que penso que seja; mesmo sendo outra coisa. Não há espaço entre mim e meus sufocados movimentos libidinosos, a mortalha que tem ganhado o sexo não ameaça índices altíssimos de natalidade depois que a COVID-19 passar; se passar. Tenho tido fomes extraordinárias, li em 23 dias duas grandes obras, uma do ilustre Bataille, alguém que me enfeitiçou pela poética-vulgar apresentada como um cálculo, o outro ilustre é Gilroy, que me faz atravessar grandes mares em busca de alguns pontos de modelagem do que posso vir a fazer. Não estou só, levo comigo multidões que ameaçam morrer com todo burburinho de luto que tem me feito perder a fome às cinco da tarde, dormir sem fechar o fluxo com os sons externos

do meu corpo – dormir profundo – sonhar pesadelos; imagens e sons superficiais do meu inconsciente.

Tenho medo e por isso te escrevo esta carta, parece que uma parte da minha perna apresentou vitiligo, sonho com isso frequentemente e quando confiro na realidade está lá, a mancha tomando meu corpo. Escrevo esta carta para atravessar o meu terror e fazer com que sua leitura seja superficial, pois assim se lê melhor as cartas.

Logo te enviarei uma receita de bolo que tenho feito para passar o tempo, obrigado por ler este manuscrito. aguardo sua resposta na próxima página deste documento.

Um longo abraço!

Millen Carvalho

Salvador, Bahia, 30 de abril de 2020

Pessoa,

Eu gosto de escrever cartas, só não sei escrevê-las. Sei que se destinam a alguém, mas as cartas são do mundo. Lemos as cartas de Kafka, de Freud e de tantos como se fossem para todos. As cartas são do mundo e são apaixonadas. Por isso, acho que ocorrem e discorrem na variação de temáticas que é confusa. Sou direto, você sabe, pragmático na maior parte das vezes, mas as cartas viajam para longe.

Esses dias, conversando um pouco com amigos, percebi que é preciso escrever para respirar, pois a palavra não precisa do ar. Acho que esse é o conhecimento mais importante de qualquer processo que passamos, os entrelaçamentos das letras são dispositivos que nos ajudam a respirar por outros lugares, quando o ar falta, quando o vírus está em toda parte.

Em outras conversas futuristas, em que minha voz perde a sincronia, que a minha imagem se torna qualquer coisa menos a figura humana, pensamos sobre consequências, sobre causas, sobre ciência, sobre teoria, sobre empiria, sobre magia, e é notório que respiro, por cada letra. Mesmo sob as condições mais inumanas, mais cibernéticas, a vida se organiza nessa estranheza semiótica.

Apesar de ter encontrado ferramentas, ainda há as vozes dos jornais com palavras poluentes – não a dos jornalistas –, as palavras cheias de larvas. Mas é isso. É

isso ou a morte, e já sei de que lado estou, com minhas peças posso fazer alguma coisa, qualquer coisa, fundamentar a coisa, ou seja, respirar.

É difícil achar palavras. Ainda mais para cartas. Falo do agora, alguém recebe depois, o mundo sabe no além. É toda uma metafísica que opera a transmissão disso aqui, as palavras sempre parecem faltar. Mas é a virtude sob a qual a gente trabalha, aquilo que se passa entre as palavras e o silêncio total, entre a letra e a palavra, entre o riso e o grito. A força de escrever e falar é aprender a dar vida, não seria isso a mais sádica teoria das cordas?

E é isso que quero transmitir embrulhado sob essa cascata de poesia feita de pixels.

Lucas Caroso

Salvador, Bahia, 05 de maio de 2020

Pessoa,

Sinto a saudade humana de ter você por perto. Ainda hoje, enquanto da janela de casa olhava os barracões, percebi certa figura imagética – como uma fotografia. Mirei em muros levantados por duas mãos. Mirava a vida ali tentando se multiplicar, a enxada abria a areia, o saco de cimento no meio, água, e muito concreto para pôr bloco-por-bloco de pé. No canto anverso a imagem da construção, uma mangueira se despedia da vida, há dias estava sendo devorada por uma espécie de fungo que se alimenta de sua forma verde.

Por hora, a vida passa numa ligeireza forte e barulhenta, que de dentro da minha casa a paisagem de cada sujeito vista de minha janela “mireveja” estava uma fotografia da vida em vontade de vida. O rapaz do picolé agora parava no meio da rua e fazia pose: colocava as mãos nos quadris, a máscara no rosto, e gritava “quem quer picolé?”. O charme existia ali. No meio de um pé de amendoeira, onde pequenos macacos tripudiam de um galho para outro, do mais firme ao mais flexível, todos ali, livres e sem medo, todos ali em comunidade.

O fungo não assustava a manhã, o sol não tirava o pedreiro do seu fazer, o carrinho de picolé e seu proprietário continuavam ali, me fazendo ir até a janela ver o que se passava lá fora. O mundo parece estar de dentro para fora. Sinto as vertigens de sentar na mesa da sala e ouvir os barulhos do portão que abre e fecha com ruídos tão

repetitivos que tenho preferido ligar o som em certa altura, ao fazer isso hoje, percebi que o ranger da porta do prédio se misturava com o da música, o que produziu certa alegria – o ruído ganhou espaço na composição.

O sol parece levantar-se com mais força e a chuva quando cai me faz sentir vontade de ‘brotagem’ - tenho plantado coentro e salsa dentro de casa. As ideias me ocorrem, no meio disso tento traduzir o mundo que vejo, mas como suscita Viveiros de Castros em *Metafísicas Canibais* “traduzir é instalar-se no espaço do equívoco e habitá-lo”. Os amigos distantes não serão os mesmos após essa pandemia, e tão poucos os tais “inimigos”, precisaremos de reaproximações graduais, precisaremos produzir “equívocos” no encontro. No curso disso, temo que estaremos com certa pressa para ver quais modos tomaremos para se aproximar do outro da diferença – pós-pandemia.

Devemos ter um ritual que agora poderíamos estar pensando em desenvolver. Já tenho articulado uma dança: levanto os braços bem alto, junto com isso deixo o corpo apoiado nas pontas dos pés, balanço feito a mangueira aqui da janela de casa balança: leve e suave com a força do vento; mesmo essa grande árvore em “devoração”, há ali maestria em ver sua vida e a do fungo em disputa no reino dos vivos. Venho também pensando nas palavras novas que diremos quando olharmos para o outro da diferença. Qual primeiro som sairá da nossa boca quando a pandemia ganhar menos intensidade?

Eu usarei “Pla”, esse era o som que fazia uma parte do cimento quando erguida pelo pedreiro que levantava com a enxada e soltava na outra parte do cimento no chão. “Pla”, esse vai ser o som, que efetivamente conecta-se com o Planeta, com a comunidade, com o outro da diferença, esse será meu som de conexão. Com uma existência em que “viver nossa experiência com o mundo, não “vireseja” como uma metáfora, mas como uma ficção, poder contar uns com os outros” no “Pla” de um outro encontro.

Uma excelente tarde,

Millen Carvalho

Salvador, Bahia, 08/05/2020

Pessoa,

Ao ler a sua carta, penso como os sons se conectam e fazem alguma coisa, possuem uma espécie de eficácia. Entre a voz e a palavra há uma operação necessária, precisamos ler a voz e escutar as palavras, e vice-versa. Compartilho desse desejo de

produzir uma ficção, é o que tenho feito diversas vezes só por estar acordado, ainda estar acordado.

Achei aquela foto nossa, ano de 2017 possivelmente, talvez 2018, não sei ao certo. O tempo nunca esteve tão distante. Ainda haverá mais disso tudo, creio. Ao conversar com algumas pessoas percebo que a angústia não chega a ser acerca de que mundo teremos depois desta situação de isolamento, mas sim, que mundo construímos no momento? O que fazer?

Esse aberto construído à força por uma situação que, como todos sabem, as causalidades estão todas aí, o destino e o acaso são uma coisa só. Ao mesmo tempo que sabemos as causas há uma espécie de inapreensível na sucessão tão complexa de fatores. É certo que existem alguns pontos que já apontamos de imediato, a produção frenética, o trabalho informal, a má relação do humano com o mundo que o rodeia, quase tudo que podemos chamar sob o nome de neoliberalismo, o exercício de colonialidade.

Mas como posso resolver isso? Essa foi a pergunta que escutei de uma mulher de 65 anos. Sua angústia irradiava de um ponto de vista tão amplo, no qual o espaço de sua existência se dava numa articulação constante entre sua casa e sua rua, e todos aqueles que morrem no Brasil. Em certo momento, escutei algo como “dentro só há os órgãos, eu olho para fora”. É certo que isso talvez seja ir longe demais, mas não se julga esse enunciado de qualquer maneira, é preciso ler a voz também.

Se há dentro ou fora, a questão se coloca na medida ética, na medida *transontológica*, na noção própria de uma fita de moebius. Falo de espaço aqui em toda amplitude do termo, e acredito que o tempo está distante, pois o deslocamento do espaço diminuiu, até mesmo em sentido empírico.

Então, penso junto com você e penso no agora mesmo. Não no sentido de um certo desespero por salvar o mundo, mas numa espécie de constância ética de cuidado de si, sabendo o quanto isso é uma relação de transformação necessária com o mundo, entre os espaços. Nada será como antes, nada é como antes, mas é com a ética que vamos sair daqui, da voz ao *logos*, do *logos* à voz.

Atenciosamente,

Lucas Caroso.